

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
19 de Dezembro de 2024

TANGANHOM / 2023

um filme de Vítor Covelo

Realização e Argumento: Vítor Covelo / **História e Narração:** William Afonso / **Direção de Fotografia:** Rodrigo Queirós / **Montagem:** João Vladimiro, Frederico Lobo / **Som:** Fabiano Teixeira / **Mistura de Som:** Pedro Augusto / **Iluminação:** Odair Monteiro / **Anotação:** Ana Almeida, Cláudia Ribeiro.

Produção: Rua Escura / **Cópia:** DCP, Cor, 5 minutos.

QUANDO A TERRA FOGE / 2024

um filme de Frederico Lobo

Realização e Imagem: Frederico Lobo / **Assistência de Imagem:** Gonçalo Mota / **Assistência de Realização:** Cláudia Ribeiro / **Montagem:** Jorge Moneo Quintana, Frederico Lobo / **Consultor de Montagem:** Luisa Homem / **Correção de Cor:** Andrea Bertini / **Direção de Som:** Felipe Rebelo, Sérgio Silva / **Montagem de Som e Mistura:** Rafael Cardoso, Sérgio Silva, Mauricio d'Orey / **Música:** Frederico Lobo / **Design:** Pedro Mota, Giuliane Maciel.

Produção: Terratreme Filmes, Rua Escura / **Direção de Produção:** Celeste Alves / **Cópia:** DCP, Cor, 29 minutos.

CAMPOS BELOS / 2023

um filme de David Ferreira

Realização: David Ferreira / **Assistente de Realização:** Cláudia Ribeiro, João Niza / **Argumento e Montagem:** David Ferreira, André Gil Mata / **Direção de Fotografia:** Frederico Lobo / **Assistência de Imagem:** Afonso Marmelo, Juliane Rugar / **Assistentes de Arte:** Pedro Bernardino, Dinís Leal Machado, Jorge Lourenço / **Steadicam:** Emanuel Garcia / **Direção e Montagem de Som:** Paulo Lima / **Mistura de Som:** Rafael Bertini / **Design:** Ângela Abreu e Silva.

Produção: Rua Escura / **Direção de Produção:** André Gil Mata, Cláudia Ribeiro, Frederico Lobo / **Coordenação de Produção:** Marta Lima / **Assistentes de Produção:** João Marques, Maria Inês Rodrigues, Thomas Pinto / **Coordenação de Pré-Produção:** João Vladimiro / **Secretária de Produção:** Inês Jonas / **Cópia:** DCP, Cor, 19 minutos

Com a presença dos realizadores e de André Gil Mata, da produtora Rua Escura

TANGANHOM

Tanganhom nasce a partir de uma história que me foi contada há mais de uma década por um amigo da aldeia de Parada do Monte. Essa narrativa é entrelaçada com outros relatos da tradição oral local, bem como com memórias da minha própria infância e a mitologia de Melgaço e da raia Minhota. Com este, propus-me a explorar um universo ancestral que sempre me cativou, preocupando-me em representar de forma rigorosa elementos etnográficos específicos, dando especial atenção ao sotaque e às expressões locais, numa tentativa de documentar e preservar um património cultural que se encontra em vias de extinção.

Este filme foi realizado como parte do exercício final do curso de cinema em película 16mm "A Nebulosa", promovido pela Rua Escura, e é uma homenagem pequena, mas sincera à terra e às tradições que moldaram a minha identidade pessoal e visão artística.

Vitor Covelo

QUANDO A TERRA FOGUE

Quando a terra foge passa-se no presente e confronta-se com algumas das velhas questões do nosso tempo, compondo-se a partir de imagens e sons que criam um espaço e um tempo aparentemente suspenso, onde a história se repete: a do progresso às mãos do homem, da sua violência sobre o meio, a da imposição das suas leis sobre o indivíduo e o seu espaço. Este filme é um gesto final de um longo movimento de volta atrás por entre fronteiras, um regresso de uma viagem que iniciei com **Bab Sebta** (2008), um encontro com os nómadas do nosso tempo que caminham desde o Sul global em direcção à Europa, e que passou por **Revolução Industrial** (2014), uma viagem através do Vale do Ave, sobre as marcas do progresso no homem e na paisagem, e que aqui encontra reminiscências nas recentes questões sobre a massiva exploração mineira de lítio prevista para a zona montanhosa do norte do país e no impacto que irá ter sobre os mundos possíveis desta região entre fronteiras. O filme é todo rodado na raia trasmontana em 16mm cor.

Frederico Lobo

CAMPOS BELOS

Até meados do século XIX o Vale do Ave era uma zona rural, feita de montes selvagens e campos cultivados. Com a revolução industrial a paisagem transformou-se abruptamente: ao longo do rio Ave instalaram-se fábricas atrás de fábricas, alimentadas pela energia produzida pela corrente que cruzava este vale acidentado e pelos braços de todos os que ali chegavam. A partir daí, e com o crescimento do ideal industrial e do poder da máquina, chegou gente de todos os vales em redor, instituiu-se uma realidade ligada à fábrica, de forma umbilical, transmitida de geração para geração.

Ao longo dos meus 32 anos, observei em Campelos as mesmas pessoas a envelhecerem à minha volta. As crianças a crescerem e, maioritariamente os homens, a enveredarem por trabalhos modestos nas fábricas dos diversos parques industriais. Os longos dias de

trabalho são seguidos pelas noites de bebida, de jogo e de futebol nos ecrãs dos cafés. Dentro dessa rotina, jovens tornam-se adultos, com as marcas físicas e mentais do trabalho e da boémia. O facto de ter estudado e trabalhado em cinema e vídeo permitiu-me um escape temporário desta realidade. Mais tarde, depois de uma pausa nos trabalhos de vídeo, enveredei por um trabalho que ainda ocupo nessa mesma fábrica (operário na Têxtil Manuel Gonçalves) e dei por mim a experienciar esta realidade já conhecida.

Durante este tempo, em que foi obrigatório para alguns ficar em casa e em que esta fábrica de tecidos plastificados para automóveis continuou a funcionar com a exigente presença dos seus trabalhadores, a vontade de filmar esta história intensificou-se e tornou-se urgente.

A vida de grande parte dos portugueses circunscreve-se a um perímetro bastante limitado. O dia-a-dia, da casa para a fábrica e para o café, até ao regresso a casa, constitui uma rotina que persegue a totalidade da vida de muitos. O lugar de Campelos tem a particularidade de tudo isto conseguir concentrar-se em menos de 40 metros.

Creio que a melhor forma de mostrar esta "limitação" de espaço vivido é através do plano sequência. O uso do plano sequência serve, aqui, para mostrar a totalidade do pequeno espaço onde podemos viver toda uma vida. Sem cortes, trilhando todos os pequenos passos de várias gerações, do nascimento até à morte, realço a ideia principal do filme- a mise en scène da vida é muito curta.

Tanto os actores como os figurantes são pessoas da zona de Campelos, pela sua ligação ao espaço e pelos rostos marcadas pelo tempo vivido naquele lugar, à semelhança do uso de não actores nos filmes neo-realistas de Rossellini e De Sica (**Roma Cidade Aberta, Ladrões de Bicicletas, Milagre em Milão**), ou das personagens que habitam **An Elephant Sitting Still** de Hu Bo, filmes que servem de referência para este projecto.

A relação com a fábrica, tanto na forma de memória efabulada, como na da vida presente, mantém-se, assim como a persistência na ideia da impossibilidade de fuga, transvestida numa crença de normalidade, num real conhecido e reconhecido e, portanto, seguro. Trata-se apenas da manutenção das coisas como elas existem, de um curso de vida que parece impor-se desde o seu início até à morte. E é aqui que reside o grande conflito deste filme, o de transformar esta normalidade linear da vida numa linha de ruptura com o passado e o futuro, como se de um só momento se tratasse, num andar sonâmbulo ao longo deste percurso. O cinema assinala um despertar sobre esta persistência, uma ruptura com a sua raiz ao sobrecarregar nos passos dos personagens uma viagem inconsciente.

David Ferreira